

A Alma Cabocla de Paulo Setúbal: notas sobre a ancestralidade indígena invisibilizada

**The “Cabocla” soul of Paulo Setúbal:
notes about the indigenous ancestry invisibility.**

*Helena Azevedo Paulo de Almeida*¹

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de Pós-graduação em História. E-mail: helenoca@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado, que se dedicou a estudar, em uma perspectiva de longa duração, as estruturas que invisibilizaram e invisibilizam as ancestralidades indígenas na sociedade brasileira e como isso está refletido na produção de materiais de leitura, que compreendem a construção de uma consciência e conhecimento histórico. Paulo Setúbal, como proeminente autor da Primeira República brasileira, escreveu o livro de poemas “Alma Cabocla”, texto analisado aqui a partir da categoria “caboclo” para entender como a ancestralidade indígena é apagada, em uma estrutura racista.

PALAVRAS-CHAVE: povos indígenas; Paulo Setúbal; literatura; ancestralidade; caboclo.

ABSTRACT

This paper is part of a PHD research, which was dedicated to study, from a long-term perspective, the structures that made indigenous ancestries invisible in Brazilian society and how this reflected in the production of reading materials, which comprise the construction of historical conscience and historical knowledge. Paulo Setúbal, as a prominent author of the Brazilian First Republic, wrote the book of poems “Alma Cabocla”, the text analyzed here from the category “caboclo” to understand how indigenous ancestry is erased, in a racist structure.

KEYWORDS: indigenous people; Paulo Setúbal; literature; ancestry; caboclo.

O movimento negro tem que reconhecer que essa contagem (de pardos como se fossem todos negros) acaba sendo etnocida com a população indígena. Eu sou classificada como parda, mas a minha amiga que é pataxó, a minha amiga que é guarani, minha amiga que é Kariri-Xocó, elas também têm isso na certidão, carregam essa marca de pardo, mas são indígenas...

Truduá (Julie) Dorrico².

Logo nas primeiras décadas do século XX, autores como Olavo Bilac e Coelho Netto eram muito populares no que se referia à literatura infanto-juvenil. Dessa forma, livros como *Através do Brasil* (1910), de Bilac e Manoel Bomfim, *Contos Pátrios* (1904) e *A Pátria Brasileira* (1909), ambos de Bilac e Netto, eram considerados ícones de vendas no Brasil. Um fator importante, e que todos os títulos citados têm em comum, é o apelo ao nacionalismo e o amor à pátria, elemento decisivo para a incorporação de obras em âmbito escolar naquele momento. Era um momento também anterior à semana de arte moderna (1922), evento que foi considerado posteriormente como período de inovações artísticas e literárias. Neste sentido, é importante dizer que o modernismo:

Se por Modernismo entende-se exclusivamente uma ruptura com os códigos literários do primeiro vintênio, então não houve, a rigor, nenhum escritor pré-modernista. Se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou também uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural: e escritores pré-modernistas foram Euclides, João Ribeiro, Lima Barreto e Graça Aranha (este, independentemente da sua participação na Semana). (BOSI, 2015, p. 267).

² Entrevista de Truduá (Julie) Dorrico, disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/06/04/quando-me-descobri-indigena-conheca-a-escritora-julie-dorrico.htm>. Acesso em 22/11/2022.

Mas, é considerando os silêncios da história e da historiografia que o presente trabalho se dedicará a analisar uma obra de autor menos lembrado do período. Ou, mais precisamente como defende Walter Benjamin...

(...) a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (BENJAMIN, 1940, p. 1).

São vozes emudecidas e silenciadas que gritam de um passado, na urgência de serem ouvidas. São as vozes dos povos originários que viemos trazendo ao longo do texto, metamorfoseadas forçadamente em “caboclos”, na intenção de usurpação de suas culturas, corpos e terras. Isto também diz respeito a um eclipsar de autores que defenderam aqueles povos, tendo em vista, claro, os limites do conhecimento que tinham. Defende-se aqui que seja um eclipsar, no esforço de se remover a sombra que paira sobre tais autores, como menciona Alfredo Bosi em “História Concisa da Literatura Brasileira”:

O termo futurismo, com todas as conotações de “extravagância”, “desvario” e “barbarismo”, começa a circular nos jornais brasileiros a partir de 1914 e vira ídolo polêmico na boca dos puristas. Estes e o leitor médio haviam ignorado ou posto em ridículo as inovações simbolistas, como o verso livre, e ainda preferiam Bilac, Vicente e menores. Vicejava, ao lado *da prosa regional, um gênero de verso sertanista, meio popular meio culto*, que, assinado pelos “caboclos” Cornélio Pires e Paulo Setúbal ou pelo pernóstico Catulo da Paixão Cearense, dava a medida do gosto híbrido a que se chegara. Nesse clima, só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta, paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos *dernierscris*, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país (BOSI, 2015, p. 267-268).

Bosi aponta, neste trecho, a elitização do movimento modernista

majoritariamente paulista que se opunha às produções no Rio de Janeiro, evocando questões mais literárias, mas também a rivalidade própria ao eixo Rio-São Paulo. Em decorrência, autores como Paulo Setúbal, escritores “da prosa regional, um gênero de verso sertanista, meio popular meio culto”, que não correspondiam ao ideal elitizado em voga, foram por muitas vezes vistos como menores (BOSI, 2015, p. 267-268). No entanto, em reedições de meados do século XX, defende-se que “Paulo Setúbal nunca se apresentou no mundo das letras apadrinhado por nome de escritor que lhe servisse de bandeira ou de apoio. Venceu sozinho e esta é uma de suas glórias: foi e é o autor mais lido do Brasil” (SETÚBAL, 1950, p. 7). Seu primeiro livro *Alma Cabocla* esgotou as suas 3 mil cópias com um mês de lançamento.

Por isso, questiona-se aqui qual era o público leitor que a historiografia considera, e qual a seleção de autores mais reconhecidos desse público leitor. O que os pesquisadores da literatura consideram que seduziria aqueles leitores? Não é de se espantar que livros como *Cuore* (1886), de Edmondo Amicis, ainda encantava não apenas os jovens, mais seus familiares e os adultos responsáveis pela educação daquela juventude, já que:

(...) é curioso notar que, possuindo fortes vínculos com o nacionalismo da unificação italiana, o *Coração* tenha sido apresentado aos leitores brasileiros como um livro para sua “educação cívica” e provavelmente adotado nas escolas. (...) O *Coração* parece ter inspirado diretamente na forma e no conteúdo o romance *América* de Coelho Netto e o livro *Histórias de nossa terra* de Júlia Lopes de Almeida (HANSEN, 2007, p. 24).

Percebe-se que o livro de Amicis influenciou diretamente autores de grande destaque literário do período, e que chamaram a atenção de editoras que possibilitavam grandes tiragens de cópias. Editoras como a José Olympio, Garnier e Francisco Alves foram referências no período. Esta última foi responsável pela publicação de parte das obras de Júlia Lopes de Almeida e “continuou a reeditar suas obras anteriores até a terceira edição de *Cruel amor*,

em 1928, apesar de Leite Ribeiro ter publicado *A isca*, de 1922. Na década de trinta, ela foi editada pela Cia. Editora Nacional” (HALLEWELL, 1985, p. 221).

Mas Almeida, como mencionado no capítulo anterior, fazia parte daquela elite intelectual, apesar de ser mulher em uma estrutura patriarcal, o que a impediu de assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, como afirma Romeu Martins, a partir da pesquisa de Michele AsmarFanini (MARTINS, 2019, p. 15). Com o início da I Guerra Mundial (1914-1918), “qualquer escritor brasileiro que quisesse ver impressa uma obra sua deveria encomendá-la diretamente aos impressores, por sua própria conta, e depois incumbir-se da distribuição” (HALLEWELL, 1985, p. 209).

Em um período de exaltação do campo e dos seus trabalhadores, Paulo Setúbal marcava a sua origem do interior e pode ser considerado até mesmo um “caipira”, definido pelo Dicionário de Antonio de Moraes Silva por “habitante do campo; o mesmo que aldeão, camponês, roceiro” (SILVA, 1890, p. 381). Ao mesmo tempo, no Dicionário de Candido Figueiredo, o “caipira” é definido por “homem sovina, avarento; homem do mato, rústico, labrego” (FIGUEIREDO, 1913, p. 339), mostrando a depreciação e o racismo estrutural de parte daquela população que via o trabalho braçal e a miscigenação, supostamente mais presente no campo, como algo inferior. Caipira e “caboclo”, como mencionado por Alfredo Bosi anteriormente, Paulo Setúbal era percebido como:

(...) uma perpétua labareda de entusiasmo, de amor, de dedicação, de projetos, de serviço, de cooperação, de boa vontade. Não havia nele uma só qualidade negativa. Lembrome de quando me apareceu pela primeira vez na Rua Boa Vista, escritório da Antiga *Revista do Brasil*. Entrou aos berros, com um pacote de versos em punho – *Alma Cabocla*. Era a primeira vez que nos víamos, mas Setúbal tratou-me como a um conhecido de mil anos... Entrou explodindo e permaneceu a explodir durante toda a hora que lá passou (CARVALHO, apud AZAMBUJA, 2005, p. 48).

É em “Alma Cabocla”, texto publicado pela primeira vez em 1920, que

Setúbal apresenta uma valorização importante daquele mundo rural, como um “trecho do meu passado”, mas também como uma realidade muito presente naquele Brasil da Primeira República (SETÚBAL, 1949, p. 17). Escrito em parte durante o tempo em que residiu no interior de Santa Catarina, em Lajes, *Alma Cabocla* foi seu primeiro livro e único de poesia, onde encontramos uma descrição de um interior brasileiro possível:

Sim, porque são reminiscências dos tempos de estudantes em férias pelo interior, cuja paisagem se fixou para sempre na tela emotiva do poeta. Daí por que tudo em *Alma Cabocla*, é tipicamente da sua terra: os quadros da Natureza, com notas de suave e ingênua doçura; o ambiente familiar, com as Nhá Carolas e os Zé Macucos; o trabalho na fazenda com os colonos derriçando café e as festas do arraial vibrando na ruidosa alegria dos seus fandangos. Às vezes, porém, na paisagem rústica, recorta-se um quadro, uma cena que parece ter sido fixada em Lajes, tal é a semelhança de traços com o meio lajeano. São exemplos estes versos alusivos a uma Festa de São João e em que o caboclo aparece dançando de botas e esporas, o que é comum nos bailes improvisados nas fazendas, ou, mesmo, nos pequenos povoados do planalto catarinense, ao som da sanfona que geme até madrugada (CORREA, 2019, p. 7).

No livro, encontramos 40 poemas, distribuídos em 4 partes: *Minha Terra; Moita de Rosas; Floco de Espuma e Sertanejas*³. Na primeira parte, encontramos a menção de uma escola no poema *A fazenda*, muito semelhante à apresentada por Júlia Lopes de Almeida: “Branca, entre tufos, a escola,/ Na estrada logo se vê:/ Aí, nessa Casinhola,/ A filha de nhá Carola/ Vive a ensinar o A B C” (SETÚBAL, 1949, p. 24). Aqui se destaca como a instrução no interior era realizada, em grande parte, por projetos individuais e locais, destacando os projetos educacionais orientados com base no interesses dos próprios idealizadores daquelas escolas. Não trataremos aqui das políticas e reformas relacionadas à educação, mas aqui é importante ter em mente que, em 1901:

³ Na edição analisada, de 1949, publicada pela Editora Saraiva, temos a impressão de uma poesia inédita “Meu Bebê”, que não incorporaremos na presente reflexão.

Baixa a lei “adaptativa” que vem sempre depois das grandes “reformas” corrigindo o idealismo dos que não respeitam as duras realidades socioculturais. A partir deste momento, deixados tranquilos o ensino elementar e superior, todas as reformas começam a gravitar em torno do ensino secundário(...). Dentro do ensino secundário, a preocupação do legislador concentrou-se, furiosamente, nos celebérrimos preparatórios. O “estouro da boiada” (ascensão social) deve ser controlado para não saturar as faixas sociais superiores, substitutas do baronato imperial. Reabrem-se os cartórios medievais e nasce a famigerada “equiparação”. O problema deixa de ser “curso profissional” versus “curso acadêmico” para ser “sobe ou não sobe” na pirâmide social. Aparecera no país a **classe média**, com destruição dos “aristocratas” do Império e a decadência das **Casas Grandes**: algumas camadas do povo sentiram que havia oportunidade de elitizar-se... criando-se o estreito corredor onde gorgola a classe média, disposta a pagar o preço do academicismo por uma fictícia aquisição de **status**. (Destaques do autor. LIMA, 1974, p. 90, grifo nosso).

Por isso, salienta-se a importância do ambiente escolar, local onde era possível comunicar aos seus frequentadores os seus próprios limites sociais, e que educava a partir de um determinado projeto nacional. No que diz respeito aos povos originários, esse projeto era o da invisibilização, do apagamento, ou, como viemos defendendo, o da metamorfose dos indígenas em “caboclos” e, por conseguinte, o seu tratamento pejorativo e desvínculo ao direito congênito à terra. As escolas das primeiras letras (primária) dos ambientes rurais se propunham a alfabetizar aquela população, majoritariamente analfabeta. É por isso que ao mencionar a escola no poema *A Fazenda*, Paulo Setúbal se refere ao “ensinar o A B C”, conteúdo apropriado para aquele público.

No poema *A Gente*, Setúbal faz uma homenagem à suas origens, à “alma feliz” (SETÚBAL, 1949, p. 27), sua própria “alma cabocla” passeia pela terra onde nasceu apresentando as gentes daquele local. Essas “gentes” se referem desde o veterano da Guerra do Paraguai, ao “velho Jeca Moraes:/ Caboclo bom, gênio brando,/ [que] Apenas, de quando em quando,/ Bebe algum trago

demais” (SETÚBAL, 1949, p. 29). Paulo Setúbal conhecia Monteiro Lobato, por isso pode-se inferir que o termo “Jeca” faça uma referência direta ao personagem “Jeca Tatu” criado em 1914, e que tinha uma conotação intensamente pejorativa. Também diferentemente de Lopes de Almeida, aqui o “caboclo” é referido de maneira mais otimista, pois é “bom” e tem “gênio brando”, apesar da referência à embriaguez. Ao mesmo tempo, pode-se perceber a presença do “racismo à brasileira”, apresentado por João Pacheco de Oliveira, em “Pardos Mestiços e Caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872 – 1980)”, onde defende dois movimentos para a desarticulação da “fábula das três raças”:

No primeiro [movimento], o dado da diversidade é absolutizado, mitificado e distorcido. As três raças, situadas em um plano de horizontalidade, são igualmente indicadas como fundadoras da nacionalidade. Todas são consideradas valiosas, suas virtudes particulares são exaltadas e servem para complementar a ausência de características opostas nas demais. Este é o mito da “democracia racial” – sabendo-se distintos todos se consideram como partes iguais de uma nação moderna. Em um segundo movimento, como uma expressão da dialética do pensamento mítico, a valorização da diversidade é substituída pela sua negação, a apologia da mistura, que é apresentada como a solução justa e pacífica para os conflitos raciais e as contradições sociais. Que o povo brasileiro seja produto desta confluência vem justificar a convivência com as hierarquias sociais e os preconceitos étnicos, permitindo inclusive a reprodução de uma modalidade simulada de racismo (o chamado “racismo à brasileira”, que pretende ser adaptado às formas de autorrepresentação do brasileiro como “homem cordial”) (OLIVEIRA, 1997, p. 64-65).

Por isso, apesar de Setúbal propor uma evidente valorização dos indígenas e do caboclo em sua obra, a associação com a embriaguez faz parte de um conglomerado de características que associavam os povos originários e os seus descendentes, miscigenados, a uma persistente subalternização. Algo semelhante ocorre no poema *Vida Campônia*, em que o autor escreve sobre si mesmo: “Como um caboclo rude,/ Eu vivo aqui, na paz,/ Recuperando a saúde,/

Que eu esbanjei, quanto pude,/ Nas tonteiras de rapaz” (SETÚBAL, 1949, p. 33)⁴. E ao mesmo tempo em que é rude, é também sensível, como um Romântico, ao enaltecer a natureza que observa, comparando-se aos trabalhadores que faziam a limpeza da plantação, valorizando o trabalho rural: “Os caboclos, no eito,/ Vão desbastando os juás” (SETÚBAL, 1949, p. 36). Talvez essa dualidade entre a valorização e a depreciação dos “caboclos” seja parte de uma herança relacionada à própria tradição metafísica binária que está na origem, por exemplo, do binômio Tupi/ Tapuia, civilização/barbárie, mencionados nos capítulos anteriores. O que teríamos, assim, como herança no próprio texto de Setúbal, seria, por um lado, a possibilidade de civilidade (Tupi) e da resistência à mesma (Tapuia), ambas habitando o mesmo corpo “caboclo”, que labutava como trabalhador rural.

Em contraposição ao caboclo trabalhador, observa-se novamente a presença dos imigrantes estrangeiros no poema *Os Colonos*. Tal e qual em *Correio da Roça*, Setúbal detalha quem são aqueles indivíduos italianos e espanhóis que, diferentemente dos “pardos”, dos “caboclos”, do “caipira”, raramente têm suas ancestralidades mencionadas. Este é um problema de longa duração e pode ser percebido até mesmo no recenseamento da população mais recente, como mencionado anteriormente, visto que:

A definição dos três grupos básicos – brancos, pretos e amarelos – parece instituir outra problemática, fazendo alusão a migrações relativamente mais recentes (dos séculos XIX e XX, com as levas de colonos italianos, alemães, poloneses, espanhóis, japoneses, etc.), e permitindo não falar em “raça” (termo fortemente marcado no léxico político deste século, e identificado com ideologias conservadoras), mas sim em “cor” (algo que corresponderia a uma simples constatação empírica). No entanto, uma consideração mais atenta da lógica da investigação logo irá indicar que esta continua caudatária da

⁴ Aqui vale mencionar que Paulo Setúbal se encontrava na casa de seu irmão em Lajes, em Santa Catarina, escrevendo parte dos poemas publicados em “Alma Cabocla”, com intenção de se recuperar de uma doença (CORREA, 2019).

problemática da formação da nacionalidade, com as migrações e encontros que integram a fábula das três raças (OLIVEIRA, 1997, p. 65).

Finaliza-se a primeira parte do livro com o poema *São João*, um poema entusiasta das festas juninas, nessa “festa do mato” (SETÚBAL, 1949, p. 64). Setúbal escreve que toda a gente ia para a festa: do deputado estadual ao caboclo trabalhador. Enquanto do “lado de dentro” ocorria a declamação da obra de Castro Alves e mesmo uma “batuca, sobre o teclado,/ Uns trechos do Guarani” (SETÚBAL, 1949, p. 65), em um outro espaço “Lá fora, alegre e gabola,/ Num terreiro de café,/ Ao rude som da viola,/ A caboclada rebola/ Num tremendo bate-pé” (SETÚBAL, 1949, p.68). Os espaços separados de uma certa elite, e mesmo da classe média que queria se alçar socialmente, se contrapõem e, enquanto a ópera de Antônio Carlos Gomes é exaltada do lado de dentro, do lado de fora paira “Essa alegria sonora/ Da caboclada a bailar!” (SETÚBAL, 1949, p. 69). Aqui, a centralidade de certa elite é posta em questão, em oposição à uma periferia cabocla, mas que, de uma forma latente, é também valorizada por Setúbal, pois a alegria está junto aos “caboclos”, batendo o pé no chão, como se reivindicassem aquela conexão silenciada pelas políticas, pelo racismo, pelo tempo. Paulo Setúbal, mesmo tendo em vista seus limites individuais e coletivos, ao mesmo tempo em que apontava, também transgredia esses limites, retomando suas origens “caipiras” e “caboclas” contra um pensamento marcado pela metafísica e universalidade europeia, pois:

(...) é sabido o quanto na história do pensamento, da filosofia, se pensou o lugar, principalmente, a Europa, enquanto um lugar abstrato, não real, metafísico. Isso garantiria que esse lugar ocupasse uma dimensão metafísica para se tornar o lugar central de um discurso referencial universal (BITETI; MORAES, 2019, p. 82).

Assim, os elementos sociais que não fossem provenientes de uma epistemologia, e mesmo cor de pele europeia eram tidos como inferiores.

Salienta-se que na mentalidade de primeira República, a partir das circulação de ideias promovida pela cultura escrita, os discursos contra as presenças indígenas, “caboclas”, “pardas”, “caipiras” e mesmo as sertanejas, apesar desta última categoria ter sido também valorizada a partir de Euclides da Cunha, se baseavam e eram fortalecidos pelo imaginário de “degeneração” como consequência da miscigenação. Percebe-se que, em relação à Guerra Sertaneja do Contestado (1912 – 1914) ...

(...) cada um dos textos escritos sobre o assunto os sertanejos foram marcados com epítetos que criaram diversos sujeitos. Esta multiplicidade de marcas encontra-se misturada em várias das obras mais recentes, e aquele sertanejo, hoje, como sujeito retórico, parece carregar em si um pouco de todas elas. Estas marcas auxiliam a perpetuar no imaginário social catarinense e nacional, principalmente entre os habitantes da região que foi palco dos acontecimentos em questão, uma certa representação preconceituosa dos indivíduos os quais se convencionou denominar caboclos (LAZARIN, 2005, p. 11).

Então entende-se que mesmo o “sertanejo”, por ser uma categoria mais valorizada do que subalternizada, tem sua origem nessa “caboclada” mencionada por Setúbal: uma origem que, por sua vez, também vai sendo eclipsada e mesmo invisibilizada com o tempo. O silêncio estabelecido sobre a origem cabocla do sertanejo pode ter muitas explicações, sendo o branqueamento da população uma delas. Branqueia-se o que precisava ser valorizado, em contrapartida do que era desvalorizado. Por isso omitiu-se a ancestralidade do “sertanejo” de Euclides da Cunha, enquanto o “caboclo” é constantemente relacionado à ancestralidade indígena, parda e “miscigenada”, mas que ainda não era considerada “branca”. De toda forma, tanto o “sertanejo” quando o “caboclo” são vistos desassociados de suas ancestralidades, seja pelo branqueamento, seja pela miscigenação e afastamento forçado de seus antepassados indígenas e, por isso, desvinculados aos direitos congênicos à terra. Nesse sentido, por exemplo, Jean-François Verán apresenta

uma nação-mestiça na Manaus do século XXI, mas que tem suas raízes nessa miscigenação e silenciamento que viemos apontando. Traça-se aqui um paralelo que o autor estabelece a partir da ancestralidade negra, adaptando-a para a perspectiva da ancestralidade indígena sobre o “caboclo”, salientando que

A questão não é de querer ou não querer ser negro. (...) Eis a questão: se ser “negro” é uma marca fenotípica, se significa ser afrodescendente e se implica ter uma cultura de “matriz africana”, então os caboclos não são negros. Entendemos aqui o problema concreto provocado pela fusão das categorias. Fosse negro um mero agregado estatístico, não teria havido equívocos e conflitos. Mas diante da indissociação entre cor, origem e cultura, os caboclos tornaram-se invisíveis. Mais uma vez, como veremos, a questão não é meramente existencial: quando direitos fundamentais são definidos na base da identidade étnica, aceitar a invisibilidade é um suicídio político (VÉRAN, 2010, p. 28).

Se Vérán aponta que a dissociação voluntária em relação à ancestralidade é um suicídio político, pode-se dizer que esse rompimento forçado é um assassinato e, na escala que ocorreu no Brasil, trata-se de um genocídio. Ou ainda mais precisamente, também se trata de um etnocídio. Como viemos apontando, as identidades originárias foram compactadas em uma mitologia da “identidade indígena” única que, por sua vez, delimitava o “ser indígena” e o apresentava à camada letrada a partir de materiais de leitura diversos, desde a literatura Romântica até materiais escolares, como cartilhas e livros de leitura. Ao mesmo tempo que os conceitos de “caboclo”, “pardo”, “caipira” (e a partir deste capítulo, os “sertanejos”) são fluidos percebe-se um apagamento das ancestralidades indígenas, mesmo essas baseadas na mitologia apresentada. Dessa forma, a construção de uma nação brasileira, unificada em sua fábula identitária, se origina na necessidade de:

(...) assegurar a unidade nacional em um extenso território, com uma população altamente heterogênea em termos raciais, linguísticos e culturais, além de fortemente estratificada em termos econômicos e políticos. Tal tarefa, iniciada pela elite

agrária, hierárquica e monarquista, que se articulava em torno do projeto de criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), foi posteriormente continuada pelos jovens intelectuais republicanos, influenciados pelos ideais do Positivismo (OLIVEIRA, 1997, p. 64).

Dentre esses jovens republicanos, estava Paulo Setúbal, com a estreia de *Alma Cabocla*, com sua intensa admiração e exaltação da natureza, valorização do trabalho rural, mas com o diferencial aqui de partir de um mundo e origem múltiplos marcado pela própria heterogeneidade social da realidade brasileira. No livro, Setúbal só volta a mencionar os “caboclos” na última parte do texto, chamada apropriadamente por *Sertanejas*.

No poema *Trecho Rústico*, o autor dá indícios de seu interesse pela História, como disciplina, algo que se tornaria presente em suas publicações posteriores em prosa. Aqui, Setúbal apresenta um passeio poético pela exploração de novos caminhos pelos sertões a “desvirginar-lhe a flora!” (SETÚBAL, 1949, p. 161). Mas o personagem principal não é o bandeirante a abrir esses caminhos (este só aparece na última estrofe -SETÚBAL, 1949, p. 164), e sim a própria natureza, que abriga “o clamor feroz duma tribo selvagem” (SETÚBAL, 1949, p. 162). É também o rio que figura como protagonista, “roncando pelo chão da brenha sertaneja (SETÚBAL, 1949, p. 163), mostrando que uma definição de “sertanejo” para Paulo Setúbal é possível com base no que seria uma relação direta com os sertões. Talvez até os mesmos sertões do Grão-Pará (FARAGE, 1986) e do vale do Rio Doce, Jequitinhonha e Mucuri (PARAÍSO, 2014), locais nos quais os povos indígenas protagonizaram como verdadeiras muralhas contra a entrada da colonização.

A presença cabocla no livro é finalizada no poema *Férias de Junho*, no qual temos uma relação com o período de férias do autor. Ele voltava para o interior, sua terra, mencionando que ali viviam “gentes simples e caboclos rudos” (SETÚBAL, 1949, p. 165). Ou ainda, dito de outra forma, podemos refletir que “a Europa sempre se percebeu enquanto espírito, determinando o

outro, o não-europeu, como carne, coisa, terra, uma *terra nullius*⁵, portanto, uma questão geopolítica” (BITETI; MORAES, 2019, p. 82). Dessa forma, compreende-se o “caboclo” como o “outro” da invenção do Outro; o “caboclo” do indígena; a margem do marginalizado; o habitante de um não-lugar na sociedade republicana; o Outro como eterna sombra, ou mesmo resquício, do “Eu”. Este é o resultado do projeto de violência que nos fala GayatriChakravortySpivak:

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como o Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subje-tividade⁶ (SPIVAK, 2010, p. 47)

O “caboclo”, apesar de encarado pelo Estado como descendente e parte desse sujeito colonial, passível e ao mesmo tempo impassível de civilização, e mesmo do branqueamento, é ainda visto como herdeiro desse projeto colonial e dessa mitologia de uma “identidade indígena” única, que viemos demonstrando. Assim, ao passo que Paulo Setúbal apresenta uma nítida tensão entre a valorização e o desprestígio do “caboclo” e sua ancestralidade, a “alma cabocla”, configurada no título do livro, se encontra também nesse território ambíguo da literatura e da história. Cabe lembrar, por exemplo, que João Mendes Júnior, potencialmente lido por Setúbal, estabelecia que:

A realidade é que a alma indígena americana pensa, julga, raciocina, coordena raciocínios, com o mesmo vigor de atenção, reflexão, análise, síntese, comparação e apreensão comparativa; a alma indígena está sujeita às mesmas paixões a que está sujeita a alma europeia, mostrando, porém, superioridade na temperança, na energia da paciência e até, digamos a verdade, até na justiça e na caridade. A alma do descendente de indígena cruzado com o europeu é tão vigorosa e as vezes mais vigorosa do que a alma do puro europeu e do puro indígena; e tem a

⁵ Do latim, significa uma terra que pertence a ninguém.

⁶ “Aqui a autora utiliza em inglês “Subject-ivity”, deixando em evidência a palavra que significa “sujeito” na composição do termo (N. da T.)” (SPIVAK, 2010, p. 47).

vantagem de unir a ambição do europeu à longanimidade do indígena, temperando uma pela outra (MENDES JÚNIOR, 1912, p. 51).

Para Mendes Júnior, a “alma do descendente do indígena” era ainda melhor que a europeia. Essa “alma cabocla” tão presente na vida e no livro de Paulo Setúbal. Por isso, apesar de indireta podemos perceber uma valorização do “caboclo” realizada por Setúbal. Esta valorização, tímida e permeada de tensões e ambivalência pode se dever à sua estreia, pois trata-se de seu primeiro livro, ao mesmo tempo que também exemplifica as oscilações em defesa e negação dos povos indígenas que viemos apresentando.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Suely Campos. **Leis e Letras: o ardente Paulo Setúbal**. Revista Acervo Histórico, São Paulo, n. 4, p. 48-61, 2005

BITETI, Mariane; MORAES, Marcelo José Derzi. Vidas e Saberes periféricos como Potências Transgressoras. **Tlalli: Revista de Investigación en Geografía / Universidad Nacional Autónoma de México**, ano 1, num. 2, 2019.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Teses sobre o conceito da história**, 1940.

CORREA, Nereu. Onde Nasceu “Alma Cabocla”. In.: **As Maluquices do Imperador**. Iba Mendes – Editor Digital; Projeto Livro Livre. Publicado originalmente em 1927. Livro Digital nº 310 - 2ª Edição - São Paulo, 2019.

FARAGE, Nádia. **As Muralhas do Sertão: os povos indígenas do rio Branco e a colonização**. Dissertação de mestrado defendida pela Universidade Estadual de

Campinas, 1986.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Lisboa, 1913.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora USP, 1985.

HANSEN, Patrícia. **Os primeiros livros infantis brasileiros: análise da literatura cívico-pedagógica de ficção**. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Biblioteca Nacional, 2010.

_____. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República'** 01/09/2007 245 f. Doutorado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: SBD / CAPH Link: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-12022008-111516/en.php>, 2007.

LAZARIN, Katiusca Maria. **Fanáticos, Rebeldes, e Caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Mestre em História Cultural, em 2005.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho**. Rio de Janeiro – RJ, Editora Brasília, 1974.

MARTINS, Romeu. **Medo Mortal: mestres brasileiros da literatura**. Rio de Janeiro: Editora Darkside, 2019.

MENDES JÚNIOR, João. **Os Indígenas do Brasil, seus direitos individuais e políticos**. São Paulo: Typ. Hennies Irmãos, 1912.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Pardos Mestiços e Caboclos: os índios nos CENSOS nacionais no Brasil (1872 – 1980)**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 61-84, out. 1997

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **O Tempo da Dor e do Trabalho: A conquista dos Territórios Indígenas nos sertões do leste**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SETÚBAL, Paulo. **Alma Cabocla**. São Paulo: Edições Saraiva, 1949.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**, vol. 1. Rio de Janeiro, Editora Empresa Literária Fluminense, 1890.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VÉRAN, Jean-François. **Nação Mestiça: As políticas étnico-raciais vistas da periferia de Manaus**. In: DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 3 - no 9 - JUL/AGO/SET 2010.